

IndieLisboa'11

Crítica «Viagem a Portugal»

Um triunfo do cinema português

Maio 9, 2011 escrito por: [Pedro Ponte](#)



Quando [Sérgio Tréfaut](#) estreou [Lisboetas](#) no IndieLisboa em 2004, na primeira edição do festival, o seu nome era praticamente desconhecido do grande público. Tréfaut, luso-brasileiro filho de pai português e de mãe francesa, venceria o **Prémio de Melhor Longa-Metragem Portuguesa** por aquele que foi provavelmente o primeiro filme a retratar de forma nua e crua, sem artifícios, a imigração em Portugal. Sete anos depois, o seu nome volta às bocas da cinefilia nacional através de dois filmes: [A Cidade dos Mortos](#), actualmente em exibição nas salas nacionais, e [Viagem a Portugal](#), a sua primeira incursão pela ficção que o vê regressar – pela porta grande – ao festival que o lançou.

E se o seu segundo documentário rompeu com os temas políticos, retratando antes a maior necrópole do mundo no Cairo, com esta sua primeira obra ficcional Tréfaut regressa às origens com um filme igualmente político e denunciador, que volta a abordar a imigração a partir de uma história verídica de uma mulher ucraniana, Maria (interpretada por [Maria de Medeiros](#)) que, na passagem de ano de 1997, desembarca no aeroporto de Faro, como turista, para visitar o marido, Grego ([Makena Diop](#)), senegalês residente em Lisboa. Maria é detida pela polícia de imigração, liderada por uma fria inspectora ([Isabel Ruth](#)), que, sem qualquer tipo de provas, a mantém retida no aeroporto por desconfiança em relação aos motivos da sua viagem. Presa numa situação absurda, em constante luta contra a burocracia e estupidez, a sua viagem a Portugal resumir-se-ia a um inferno de 24 horas.

Apresentado com casa cheia na fabulosa Sala 1 do cinema **São Jorge**, com presença de Tréfaut, elenco e inclusivamente o casal (que recebeu o maior aplauso da noite) em cuja história o filme é inspirado, [Viagem a Portugal](#) é ficção, mas ficção feita claramente por um documentarista nato. O naturalismo e amadorismo de [Lisboetas](#) é substituído por uma qualidade mecânica e teatral, qualidade essa que nunca torna o filme menos real, antes pelo contrário; Tréfaut filma, em tempo real, como se de uma reconstrução científica do *National Geographic* se tratasse, com recurso à repetição de planos de

várias perspectivas e uma completa ausência de música. É tudo de um realismo desconcertante, qualidade rara no cinema português, que deve obrigatoriamente servir como alerta em relação aos abusos de poder por parte das autoridades fronteiriças e das alfândegas, bem como à eterna obsessão portuguesa com a burocracia, que coloca muitas vezes um pedaço de papel acima dos direitos e da dignidade de seres humanos.



Delicado e ao mesmo tempo agressivo, claustrofóbico e minimalista, [*Viagem a Portugal*](#) é aquele tipo de filme que aparece muito de vez em quando em Portugal. É tão bom que, por mais anti-patriótica que esta afirmação possa parecer à primeira vista, nem parece português. Não por ser cosmopolita por natureza, falado em várias línguas e a preto-e-branco, mas por se servir de uma linguagem estética e cinematográfica que poucos se arriscam a usar por cá. Tréfaut arriscou, pegou numa história que, nas suas próprias palavras, não é extraordinária, filmou durante menos de três semanas em meia-dúzia de cenários e fez um grande filme. E [*Viagem a Portugal*](#) não é um grande filme apenas por ser bonito e diferente – é um grande filme porque desafia convenções e ao mesmo tempo conta uma história que merece ser contada, fazendo-o sempre através quer de palavras, quer de imagens, quer de sons.

É, de certa forma, um dos filmes mais puros (e não gosto de usar a expressão, só o faço quando é necessário) feitos em Portugal nos últimos tempos. A essência do cinema está toda neste pequeno grande filme, desde a preponderância da montagem a algo tão Hitchcockiano como um plano que esconde algo que qualquer outro exploraria. A fotografia de [Edgar Moura](#) faz o filme ora explodir com luz ora fechar-se em sombra, com um uso da iluminação (principalmente em interiores, nomeadamente nas cenas na sala de interrogação) fabuloso, que resulta num preto-e-branco lindíssimo, sensual e mais expressivo que muitos filmes a cores, muitas vezes a lembrar um filme de [Jim Jarmusch](#) ou [Wim Wenders](#). E depois, a complementar toda esta técnica, está um elenco fantástico: [Maria de Medeiros](#) arranca apenas uma das maiores interpretações que me lembro de ver nos últimos tempos, sem proferir uma única palavra na sua língua-mãe, enquanto que [Isabel Ruth](#) cria um monstro de personagem, que se serve da mais assustadora arma de todas, a falta de humanidade. Já [Makena Diop](#), anda sempre no meio de ambas sem o génio histérico e reprimido mas com uma calma afectante.

Se houvesse justiça no mundo e no cinema, [*Viagem a Portugal*](#) faria o circuito completo de festivais europeus e mundiais – e maravilharia em todos eles. Não havendo, é o tipo de filme – prodigioso, desafiador, diferente – de que o cinema português precisa urgentemente em maior quota. Quando nos deparamos com um filme com esta qualidade, como aconteceu em 2005 quando [Marco Martins](#) fez [*Alice*](#), é difícil não nos enchermos de orgulho e querermos mostrá-lo ao mundo. Antes disso é preciso

mostrá-lo a Portugal – e quando tiverem oportunidade de o ver, não hesitem. O filme repete quarta-feira, dia 11, às 21h30, novamente no **São Jorge**.

NOTA:



O MELHOR:

A realização de Tréfaut, a fotografia, a montagem, a naturalidade dos diálogos. O elenco, com duas interpretações sublimes de [Maria de Medeiros](#) e [Isabel Ruth](#).